



## Jornalistas de educação: tipologia das retóricas profissionais<sup>1</sup>

Rodrigo Pelegrini Ratier<sup>2</sup>.

Faculdade Cásper Líbero (FCL)

**Resumo:** O trabalho apresenta uma classificação dos jornalistas de educação brasileiros que atuam na grande imprensa escrita (impressa e digital). Além das características macrosociológicas e trajetórias profissionais que distinguem jornalistas *generalistas*, *especializados* e *especialistas*, pretende-se indicar que os grupos também se diferenciam quanto às retóricas jornalísticas. Recorrendo-se a entrevistas semiestruturadas, analisam-se representações discursivas sobre o jornalismo, sobre o jornalismo de educação e sobre a educação. Os resultados evidenciam três tipos de retóricas sobre a profissão e a especialidade – *desapaixonada* para os generalistas, *da objetividade* para os especializados e *do conhecimento crítico* para os especialistas –, apontando uma correspondência entre as posições dos atores no campo e suas disposições de *habitus* profissional.

**Palavras-chave:** jornalismo de educação; jornalismo especializado; discurso jornalístico; sociologia do trabalho; sociologia do jornalismo.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com o apoio do programa de doutorado-sanduíche da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Programme Avenir Lyon Saint-Etienne (Palse) da Université de Lyon e Accueil Doc Cmira Rhone-Alpes International Cooperation.

<sup>2</sup> Professor assistente no curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. E-mail: rpratier@casperlibero.edu.br.

## 1. Introdução

Conforme Grémy e Le Moan (1977), a classificação de indivíduos, grupos sociais, instituições e comportamentos é um procedimento corrente nas ciências sociais. A elaboração de uma tipologia consiste em distinguir, num conjunto de unidades, grupos que possam ser considerados homogêneos desde um certo ponto de vista. Em Ratier (2016b), expusemos uma categorização sociológica dos jornalistas de educação brasileiros – recorte de pesquisa mais ampla apresentada como tese de doutoramento (Ratier, 2016a). Evidenciou-se a inadequação de tratar a categoria como um todo uniforme, como faz supor certa bibliografia (Bourdieu, 1997; Accardo *et al.*, 2007; Accardo, 2010). O presente trabalho aprofunda as conclusões anteriores, detalhando a tipologia proposta e sinalizando a correspondência entre posições no campo do jornalismo de educação e disposições de *habitus* profissional dos sujeitos da pesquisa, os jornalistas de educação.

Conforme análise de *survey*<sup>3</sup>, os profissionais possuíam perfil médio jovem, em início ou meio de carreira, precarizado em termos empregatícios e com pouco preparo para a cobertura em educação. De outro lado, uma multiplicidade de trajetórias<sup>4</sup> apontava para a existência de grupos específicos no universo pesquisado. Partiu-se dessas premissas como insumo para o estudo aqui apresentado. Adotando o procedimento pragmático de Grémy e Le Moan (1977), foram avaliadas estatisticamente diversas características que pudessem ser índices de distinção na amostra não-probabilística: idade, tempo de trabalho, gênero, trajetória escolar em escola pública e particular, atuação em veículos impressos ou digitais, tipo de publicação em que atua (generalista ou especialista). Apenas o último atributo apareceu como variável discriminante: *generalistas* atuando em veículos de interesse geral (jornais, semanários, portais de internet), *especialis-*

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada entre maio e setembro de 2013 com 92 jornalistas (de um universo mapeado de 96 pessoas) que cobriam educação na grande imprensa nacional (escrita e digital). Estão na análise profissionais dos jornais *Correio Braziliense*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Valor Econômico* (com seus respectivos sites); os semanários *Carta Capital*, *Época*, *Istoé* e *Veja* (com seus respectivos sites); as revistas para professores *Carta na Escola*/*Carta Fundamental*, *Educação/Escola Pública*, *Gestão Escolar*, *Nova Escola*, *Pátio Ed. Infantil/Ensino Fundamental/Médio*, *Profissionalizante e Técnico* (com seus respectivos sites); e os portais de internet *Agência Brasil*, *G1*, *Ig*, *R7*, *Terra* e *UOL*.

<sup>4</sup> Em Ratier (2016b), indicamos importantes diferenças em termos de média etária, tempo médio na profissão e no jornalismo de educação, tipo de contrato e faixa salarial, satisfação com a profissão e o jornalismo de educação e taxas de *turnover* (abandono do jornalismo, abandono do jornalismo em educação e saída do veículo).

tas atuando em veículos específicos para professores (revistas e sites para profissionais da educação básica).

De posse desse dado, deu-se início à etapa de entrevistas semiestruturadas. Durante essa fase qualitativa, a tipologia se complexificou com a possível inclusão de um terceiro tipo, o grupo de jornalistas *especializados*. O índice inicial da viabilidade da nova categoria foi fornecido pelos próprios entrevistados, que apontavam, a pedido do pesquisador, os jornalistas mais influentes na cobertura de educação. O desenho do grupo – cujo critério metodológico mínimo de admissão de integrantes era a indicação de ao menos dois respondentes – foi ganhando contornos mais precisos conforme os entrevistados discorriam sobre seus entendimentos acerca do jornalismo em geral e do jornalismo de educação em específico. O presente artigo, assim, pretende apresentar e analisar as diferenças retóricas presentes no discurso sobre a profissão e a especialidade de jornalistas *generalistas*, *especializados* e *especialistas* em educação.

## 2. Metodologia

Para a realização desta fase da pesquisa, foram entrevistados 12 profissionais, sendo três generalistas, quatro especializados e cinco especialistas. O número total de entrevistados não foi definido *a priori*: partiu-se do pressuposto de que o total de conversas deveria corresponder ao momento de clareza sobre os assuntos abordados. O tempo médio de cada entrevista foi de 1h01, sendo a mais breve de 30 minutos e a mais longa de 1h59. Nove entrevistas foram realizadas presencialmente e três delas por Skype, nos casos em que o entrevistado não se encontrava na cidade de São Paulo ao longo do 1º semestre de 2015.

Em termos práticos, buscou-se, no discurso dos sujeitos pesquisados, padrões, regularidades e tendências capazes de revelar sua retórica jornalística, termo entendido aqui conforme a definição proposta por Padioleau (1976): representações que os jornalistas fazem de si mesmos, dos outros e do contexto físico e cultural de sua atuação profissional. Trata-se de identificar as marcas distintivas utilizadas pelos profissionais para estabelecer ou afirmar socialmente sua competência profissional e sua visão sobre a atuação no jornalismo de educação.

Procuramos avaliar a retórica dos profissionais em relação a três aspectos principais: as representações sobre o jornalismo, sobre o jornalismo de educação e sobre a educação. Como veremos, cada um dos três grupos apresenta discursos distintos sobre as práticas e concepções de cada uma dessas três características.

### **3. Apresentação dos resultados**

#### **3.1. Jornalistas generalistas: a retórica desapaixonada**

Compostos por jornalistas que atuam em jornais, revistas e sites para o público em geral, o grupo dos generalistas responde por 43,5% da população pesquisada (n=40). São os mais jovens (média etária de 30,1 anos, contra 31,7 da população), com menor tempo de profissão (média de 8,6 anos de carreira, contra 10,3 anos da população) e menos experiência no jornalismo de educação (média de 3,5 anos, contra 5,1 da população). Setenta por cento do grupo são mulheres (n=28), índice um pouco inferior à média da população (75%). Em termos salariais, encontram-se bastante próximos da média geral, com 47% recebendo entre 5 e 10 salários mínimos (a taxa é de 43% na população) e 19% mais de 10 salários mínimos (um pouco abaixo da taxa de 26% na população). Quanto à forma de contrato, 89% possuem carteira assinada, acima dos 68% da população. Um em cada quatro jornalistas generalistas afirmam possuir uma outra fonte de renda.

A chegada dos generalistas ao jornalismo de educação geralmente se dá “por acaso”. Como regra, a especialidade não é a porta de entrada na carreira, e em parte dos casos não é, também, a especialidade de predileção. Em algumas situações (Damaris<sup>5</sup>), trata-se da ocupação de um nicho antes vazio, portanto uma possibilidade de maior notoriedade no interior do veículo de mídia. Em outras (Bárbara), é a oportunidade de emprego existente, que responde à necessidade mais imediata de trabalho – e de melhor remuneração frente a outra oportunidade numa rubrica diferente. No caso de Diego, a chegada se dá como fruto das circunstâncias da empresa – contexto de mudança compulsória de editorias. Seu testemunho revela uma constante dos generalistas, a defesa da

---

<sup>5</sup> Por razões de anonimato, os entrevistados receberam nomes fictícios no texto.

área de educação no nível do discurso (“grande afinidade”, “prazer em trabalhar”), ainda que a migração não tenha ocorrido por desejo voluntário do entrevistado (“caí na educação”, “vamos ver [se dá certo]”).

Entre os atrativos da área destacam-se as condições de trabalho, tidas como menos extenuantes que a média, a possibilidade de prazos mais estendidos e menos sujeitos à pressão pelo “furo”, e a menor cobrança por resultados – sobretudo na internet, em que a exigência por cliques a cada matéria é grande. Isso não significa que a área esteja de todo a salvo das pressões mercadológicas. É recorrente a queixa quanto ao excesso de pautas negativas (violência escolar, *bullying* e indisciplina), de reportagens de “serviço” (vestibular, Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) etc.) ou do apelo via *fait divers*. Os generalistas são os que mais reclamam da repetição desse tipo de pauta e da falta de espaço para fazer reportagens “de credibilidade” em relação às do “dia-a-dia”, que visam predominantemente a audiência, como define Diego:

“A gente não tem tempo [para produzir reportagens especiais] porque não tem equipe,(...) não tem editorias, não temos os espaços, e quando tem, o pessoal é braço curto, então...(...) O ‘dia-a-dia’, que é o que as pessoas vão procurar na internet, que é um bocado do que dá audiência, a gente tinha que fazer, sim. (...)E, infelizmente, a pauta de educação, ela vai ganhar mais brilho se for uma pauta negativa do que se ela for uma pauta positiva.” (Diego, jornalista generalista)

O reverso da moeda de trabalhar numa área relativamente tranquila é o desprestígio e a baixa repercussão. Os generalistas demonstram se ressentir em atuar numa especialidade que pouco aparece. Com algum exagero, Diego exemplifica a posição dominada da educação na hierarquia de editorias: nos portais, apenas o vestibular da USP (Fuvest) é manchete, “mas só até as 16h” nos domingos de futebol. Damaris aponta as dificuldades de ter um assunto vendedor para a capa, embora veja possibilidades de atuação pelas brechas, com reportagens especiais:

“São poucas capas mesmo que a gente dá. Tem que ter muito *punch* pra gente embalar uma capa vendedora. Entram outras variáveis e tal. Não são muitas capas, mas são muitos especiais.” (Damaris, jornalista generalista)

Entre os três grupos, os generalistas são os mais insatisfeitos com o jornalismo em educação. Em 2013, 33% pretendia deixar a área em até dois anos (contra a média geral de 22%). Em 2015, 36% efetivamente deixaram a área. De outro lado, apenas 23% pretendia permanecer por dez anos ou mais (a média na população é de 28%). No de-

poimento de Diego, a ideia é que a especialidade pouco importa (apesar de ele “adorar” a área). Ela serve como meio para a manutenção do emprego, não sendo considerada em perspectivas futuras de carreira. Referindo-se à especialização como uma “barreira” e “monotonia”, Bárbara parece ter a polivalência como meta:

“Eu já fui exclusiva da educação, mas, agora, no veículo, cada vez menos as pessoas são exclusivas da própria editoria. Isso é bom, foram quebrando algumas barreiras. Agora eu posso sugerir pautas para outras editorias e também fazer, se for o caso.(...) Acho que todo mundo tem interesses diversos, só para a gente não ficar muito na monotonia.” (Bárbara, veículo generalista).

Os generalistas são também os que se consideram menos aptos para atuar no jornalismo em educação: 67% se dizem preparados ou muito preparados, abaixo da média de 74% na população. Pelo escasso acesso à formação em serviço, as iniciativas de capacitação dependem dos indivíduos e ainda são raras. O estudo é um dos diferenciais entre generalistas e especialistas, conforme Diego e Damaris. Esta última se define como “autodidata”, considerando a formação no trabalho, por meio do contato com fontes e especialistas, como o suficiente “para se virar” no jornalismo:

“Eu não sou grande especialista, não mesmo. Acho que grande especialista é esse povo que estuda e vai fazer especialização. Eu sou muito cuidadosa. Mas agora, realmente, para o jornalismo acho que eu me viro bem nos assuntos. Mas não me considero, de verdade, uma grande especialista. Precisa ter muito estudo e eu sou muito autocrítica.” (Damaris, jornalista generalista)

Quando o assunto é a importância da educação, as menções têm carga generalizante e se aproximam do sentido nominalista (Bourdieu e Chartier, 2012) que o termo adquire no senso comum. É como se a simples menção à palavra educação evidenciasse sua relevância, cabendo ao jornalista iluminar os debates – quaisquer que sejam – para o conjunto da sociedade (“Educação é uma das ferramentas para a pessoa atingir sua plenitude”, segundo Diego; “Eu acho que é importante [a educação] ser manchete, porque eu acho que é um tema importante e as pessoas precisam ler, as pessoas precisam saber, as pessoas precisam entender mais”, conforme Bárbara). No todo, o conjunto das entrevistas parece apontar para uma postura desapaixonada em relação ao tema, ainda que discursivamente haja um reconhecimento da importância da educação. A declaração de Damaris sintetiza essa indicação:

“Olha, eu já fui mais idealista. Agora eu acho que eu tenho essa motivação de trazer um assunto relevante ao debate. De ajudar, modestamente, no debate, (...) trazer algo relevante à tona.” (Damaris, jornalista generalista)

### 3.2. Jornalistas especializados: a retórica da objetividade

Respondendo por 6,5% da população pesquisada (n=6), os jornalistas especializados têm como características principais o fato de trabalharem em veículos generalistas tradicionais, de grande poder de difusão, como os jornais diários (n=5), sendo reconhecidos pelos pares como os profissionais de maior destaque no campo. Mantêm um relacionamento próximo com as principais fontes da área e possuem conhecimento das questões de educação sobretudo pela experiência profissional. Encaixam-se na definição de Neveu (2006) para agentes dominantes, que teriam capacidade de deformar o espaço de cobertura, selecionando temas e enfoques que entrariam em circulação circular – processo pelo qual todos os jornalistas se leem, se vigiam e se repercutem, o que conduziria a um efeito do campo de “funcionamento em coro” da imprensa (Neveu, 2006, p. 94)

Distinguem-se dos demais grupos por apresentarem a maior média etária (35 anos), o maior tempo médio de profissão (13,8 anos) e no jornalismo de educação (8,8 anos). Chama atenção o fato de apenas um indivíduo (17% do grupo) ser mulher. Distinguem-se também pela remuneração: 83% ganham mais de 10 salários mínimos, contra uma média de 26% na população geral. Possuem, ainda, as melhores taxas de carteira assinada, com 100% de celetistas, e o menor índice de fonte de renda alternativa: 17%, abaixo da média de 36%.

A escolha da denominação “especializado” surgiu pelas reiteradas referências dos próprios entrevistados. Rejeitando o rótulo de especialistas, optam pelo sufixo *-izado* como a sinalizar uma distinção para com os generalistas, mas também guardar distância dos especialistas, denominação que, no entendimento do grupo, deve ser reservada às fontes do campo da educação e não aos profissionais que cobrem a área:

“Eu me considero especializado em educação. Tem a diferença [entre especialista e especializado] porque especialista são as pessoas com quem eu falo.” (Bernardo, jornalista especializado)

“Não me considero especialista, me considero um cara especializado. Não sei se tem essa diferença, mas eu não tenho conclusões a tirar [diferentemente dos especialistas, os pesquisadores]. Ou até tenho, mas foi alguém que me falou, eu concordei, comprovei.” (Tiago, jornalista especializado)

É interessante notar, ainda, que os próprios pesquisados se consideram pertencentes a um grupo à parte. Apresentado aos nomes sugeridos para o conjunto de especializados, um dos respondentes (Mário) reagiu chamando o grupo de “clubinho”. Citando Tunstall, Padioleau (1976) usa curiosamente a mesma expressão para se referir aos jornalistas que cobrem as atividades do parlamento inglês. Segundo o autor (Padioleau, 1976, p. 261, tradução nossa), “a atmosfera de clube que reina entre os profissionais” indica um mecanismo de regulação da cobertura por esse grupo, que constituiria uma elite profissional.

As trajetórias de chegada à área se assemelham às dos generalistas, ocorrendo de forma fortuita (“caí em educação”, na expressão de Tiago). Novamente, as características de um subcampo menos afeito às pressões funcionam como atrativo à permanência. Os especializados são detentores dos maiores índices de satisfação com a área. Em 2013, a intenção de desistência do jornalismo em educação em até 2 anos era zero. Efetivamente, ninguém saiu da área até 2015.

Por outro lado, a “tranquilidade” parece ser desejada apenas quanto às condições de trabalho. Os especializados são o subgrupo mais fortemente dotado de *illusio*, a crença de que vale a pena jogar o jogo jornalístico. Tiago é o melhor exemplo. Se sua entrada no campo se deu por acaso e as condições de trabalho menos exaustivas colaboraram para sua permanência, essa se definiu apenas pela notoriedade alcançada com a primeira reportagem em que seu nome saiu assinado na capa da publicação (“foi a primeira manchete que eu dei, tipo assinada na capa, o jornalismo tem essas coisas, né? Eu fiquei empolgadão”). Sua definição do jornalismo como “cachaça” aponta exemplarmente nesse sentido, o da sedução exercida pelos símbolos de reconhecimento em disputa no campo jornalístico (nome na capa, notoriedade entre as fontes, conquista de prêmios etc.). Esses são obtidos, por sua vez, por meio da produção de observáveis consensualmente valorizados no seio do campo (informação exclusiva ou “furo”, denúncia ou *watchdog*, enfoque original, comentário contextualizado etc.), cujo acúmulo significa, também, acúmulo de capital jornalístico.

Talvez por isso, as taxas de sucesso dos especializados sejam as melhores entre a população pesquisada. Em termos de trajetória entre 2013 e 2015, eles ostentam os menores índices de saída do veículo (apenas um indivíduo, 17% do grupo), de abandono



do jornalismo (0%), do jornalismo de educação (0%) e de precarização de contrato (0%). A entrada em um campo desprestigiado e “vazio”, por isso com menor concorrência, possibilita uma visibilidade não obtida na circulação anterior por outras rubricas do jornalismo.

A caracterização profissional novamente se distancia do perfil do jornalista francamente simpático à lógica de mercado traçado por parte da bibliografia da área. Nas questões do *survey* sobre polêmicas do campo da educação, predominaram entre os especializados respostas indefinidas – nem adesão ao mercado, nem ao estado. Pode-se especular as razões na concepção de jornalismo defendida pelo subgrupo – que, à moda de Padioleau (1976), denominamos “retórica da objetividade”.

São comuns as menções à função de controle (*watchdog*) da profissão, como indica Tiago (“O jornalismo tem um papel fundamental em colocar discussões, evidenciar falhas e apontar coisas”), ou de relato acessível da realidade, como aponta Bernardo. Lúcia fala em “expor a polifonia [de opiniões]” e Mário é ainda mais explícito, enumerando os atores que ganham direito à voz e enunciando sua tentativa de objetivação em relação ao universo coberto:

“Embora eu tenha trajetória de esquerda, nunca deixei isso afetar a minha produção profissional (...) Sempre procurei ouvir governo, academia, sindicato, gestores, entidades empresariais e outras. (...) Sempre procurei trazer uma diversidade de opiniões. (...) Os atores todos participavam das minhas matérias.” (Mário, jornalista especializado)

Em termos de aprendizado sobre educação, nota-se uma presença marginal da educação formal que pode ter contribuído para um entendimento ampliado sobre a área. Ela se manifesta de duas formas. Primeiro, por meio de experiências singulares em primeira pessoa (Tiago indica como diferencial ter estudado em escola pública e ter tido uma mãe diretora, enquanto Bernardo reputa ao período como “professor fracassado” em curso comunitário o entendimento de “o quanto essa profissão [a docência] exige formação sólida, instrumentos”). Segundo, pelo retorno à academia, com o objetivo de entender melhor o campo da educação, como aluno-ouvinte (n=1) ou mestrando (n=2). Como para os generalistas, pode-se falar em uma educação utilitária, porém mais sistemática, pela modalidade de curso privilegiado e pela ambição de uma compreensão mais global do universo da educação. A esse respeito, os especializados são os que se

consideram mais aptos para a cobertura da educação: 100% se dizem preparados ou muito preparados.

Possuidores de aguçado sentido de jogo, os especializados são, justamente por isso, os que melhor sabem transitar pelo universo de tensões internas ao campo em seus veículos de comunicação. Aproveitando-se da relativa falta de controles e da virtual inexistência de linhas editoriais sobre educação em suas publicações, manejam a pauta de maneira a cometer pequenas heresias, desobediências sutis em relação ao que se esperaria da composição e angulação de suas matérias. A atuação se dá sobretudo no manejo das ritualidades do fazer jornalístico e no reconhecimento adquirido pela posse de saberes sobre educação – superior, afirmam, ao conhecimento da própria chefia, característica também registrada por Padioleau (1976) quanto ao nascente jornalismo francês de educação:

“É o tempo todo fazendo uma composição [entre audiência e relevância].(...) É na composição de audiência que uma hora a gente faz o professor israelense que pegou o bebê no colo [e noutra hora] solto uma matéria com o ministro [da educação]. A gente não vai deixar de cobrir política. A gente pode não ter braço, ficar muito tempo, mas a preocupação em tentar ler o que está acontecendo nas políticas educacionais existe.” (Lúcia, jornalista especializada)

### **3.3. Jornalistas especialistas: a retórica do conhecimento crítico**

Responsável por 50% da população analisada (n=46), o grupo de jornalistas especialistas atua em revistas e sites direcionados a professores da educação básica. São profissionais bastante próximos da média da população quanto à idade (média de 32,6 anos), tempo de profissão (média de 11,4 anos) e de atuação no jornalismo de educação (média de 5,9 anos). As mulheres representam 85% do grupo, acima da média da população (75%).

Em termos salariais, assim como os generalistas, encontram-se próximos da média geral, com 43% recebendo entre 5 e 10 salários mínimos (mesmo índice da população) e 23% mais de 10 salários mínimos. Quanto à forma de contrato, ostentam os menores índices de carteira assinada: 45%, contra 68% da população. Não surpreende, por-

tanto, a alta taxa de profissionais que declaram ter renda extra: 48% do grupo, contra 36% da média geral.

Em termos de satisfação com a carreira, os especialistas ostentam índices intermediários em relação aos dois outros grupos. Em 2013, 15% pretendia deixar a área em até dois anos (contra a média geral de 22%) e 37% ambicionava permanecer por dez anos ou mais (acima da média na população, de 28%).

Efetivamente, as trajetórias dos especialistas entre 2013 e 2015 são as mais acidentadas dos três grupos. Sete por cento deixou o jornalismo, 17% abandonaram o jornalismo em educação e 43% saíram de seus veículos. Desses, um em cada quatro profissionais (12% do grupo) teve seu vínculo precarizado, deixando de ser celetista e se tornando PJ ou *freelancer*.

Diferentemente de generalistas e especializados, os especialistas geralmente ingressam na área após uma busca ativa. A procura costuma ser posterior a um primeiro contato em primeira pessoa com a educação: experiência como professor, atuação em projetos sociais etc. Rúbia relata o conhecimento da realidade escolar como professora voluntária numa ONG. Clarissa, também voluntária numa ONG, foi “levada para a área” por um trabalho sobre o tema na faculdade.

As opiniões sobre a especialidade enfatizam seu “impacto social” (Rúbia) ou o fato de ser “socialmente responsável” (Aurora). Sublinha-se o potencial transformador da educação, “um trabalho para ajudar outras pessoas” (Aurora), “principalmente crianças e jovens”. A função social da rubrica aparece para os especialistas como motivação de busca e também de retenção na área.

A denominação “especialista/especializada” é reivindicada por parte dos próprios respondentes. Rúbia, por exemplo, se considera mais próxima do polo da educação do que do jornalismo. Tudo indica que a fala se insere no conjunto de estratégias discursivas de diferenciação do subgrupo em relação “aos outros” jornalistas de educação, tidos como de menor conhecimento sobre a área:

“Não tem muito jeito: depois de muitos anos trabalhando no veículo [para professores da educação básica], você acaba ficando especializado. Acho que hoje estou mais próxima da área de educação do que do jornalismo, pelo tipo de trabalho que a gente faz.” (Rúbia, jornalista especialista)

Há uma preocupação em diferenciar o tipo de jornalismo praticado pelos especialistas (mais aprofundado e focado, sendo muitas vezes considerado um material de formação de educadores), razão pela qual, novamente inspirados em Padioleau (1976), identificamos o discurso como “retórica da *expertise* [conhecimento] crítica”. O grupo é o único que manifesta uma visão de superioridade em relação à cobertura da área por outros veículos – vistos, indistintamente, como generalistas:

“[A cobertura de educação dos jornais] é bem superficial. Não tem praticamente nada (...) de muito aprofundado.” (Aurora, jornalista especialista).

“[Cobertura] aprofundada tem poucos veículos que fazem.(...) É um pouco superficial, (...) vejo que a fonte ou é o Todos Pela Educação ou é a Campanha Nacional pelo Direito à Educação.(...) Qual foi a última grande reportagem investigativa de educação que você leu? Eu não sei. Quando tem um investimento [em reportagens na área] é sempre por uma questão política, quando eles querem ferrar alguém.” (Gislaine, jornalista especialista).

“[Antes de entrar no veículo para professores] eu achava que entendia de educação. Mas eu entendia no nível macro e político, eu não tinha a menor ideia [por exemplo] de por que cartilha é pior que Emilia Ferreiro [para a alfabetização]. Para mim, nada disso existia.(...) Acho que nenhum jornalista que não trabalhe aqui tem noção dessa parte pedagógica.” (Rúbia, jornalista especialista)

O grande diferencial dos jornalistas especialistas é o acúmulo de capital educacional. Por atuarem em publicações voltadas para professores, é comum que se aprofundem nos temas e os tratem com abordagem mais técnica. Se não chega a ter estrutura de periódico científico, a estratégia discursiva desses veículos se situa num terreno intermediário entre as publicações científicas especializadas e as voltadas para o público geral. Conforme Gentil (2006), o gênero discursivo dessas publicações seria um híbrido, contendo tanto elementos do jornalismo quanto da educação.

A aquisição desse tipo de capital se dá na socialização profissional. Oitenta por cento dos jornalistas especialistas dizem contar um profissional do campo da educação na redação. O contato cotidiano da equipe com o coordenador/consultor acarreta acréscimo de capital educacional à equipe, sobretudo no que diz respeito a saberes pedagógicos. Coordenadores/consultores sugerem pautas e fontes, recomendam enfoques, validam exemplos práticos de atividades e, em alguns casos, têm acesso ao texto final para aprovação, com poder de veto.

Entre os entrevistados, observa-se uma adesão entusiasmada a essas figuras, tidas como representantes de um feixe de saberes mais legítimo que o jornalístico. Os efeitos dessa naturalização do controle externo ao campo contribuem para estabelecer, no *habitus* profissional desse grupo, uma disposição para a dominação da educação sobre o jornalismo. A esse respeito, é interessante notar a constante sobre a falta de conhecimento do jornalista para falar de assuntos específicos de educação em sua vertente pedagógica (Aurora, Gislaine, Rúbia):

“Eu acho [a coordenação pedagógica] muito interessante, porque dá bem mais qualidade para o trabalho. Acho que se fosse só a gente fazendo, sem alguma orientação, nunca daria certo.” (Aurora, jornalista especialista)

“ [A coordenadora pedagógica] é essencial, porque sem essa baliza dela [a publicação] vira o ‘achômetro’ do senso comum (...) Ela dá essa visão da vida da escola (...), ela tem a visão de dentro. Porque é isso, as vezes você pensa que tá falando uma coisa genial... (...) Tudo a gente discute com ela. Ela até sugere fonte (‘fala com a fulana, a fulana estuda isso não sei em qual faculdade’) (...) Ela não vê o texto final, a menos que a gente peça.” (Gislaine, jornalista especialista)

“Eu acho uma vantagem [ter a coordenação pedagógica na publicação]. (...) É alguém que ajuda a não falar nenhuma besteira. Na educação tem muitas vertentes e se você não tiver uma linha de raciocínio minimamente lógica de uma coordenação pedagógica, você vai falar coisas que não vão casar. Eu não acho que a gente, como jornalista, tem esse discernimento.” (Rúbia, jornalista especialista).

A docilidade se faz notar, ainda, no reconhecimento que o “espaço de heresias” nas publicações especialistas é reduzido. Mas que essa restrição, ao fim e ao cabo, seria natural (e, pelas declarações acima, mesmo “essencial”, “vantagem”, “muito interessante”). Rúbia afirma que “não adianta ser ingênuo” e equipara a linha pedagógica da publicação à linha editorial de outros veículos, contra a qual caberia pouca ou nenhuma possibilidade de contestação. A reflexão de Clarissa desce ao âmago da questão: é jornalismo o que se faz no jornalismo de educação voltado para professores? Diante do número elevado de particularidades que ela mesma enumera (“com essa fonte você não pode falar”, “não dá um caso negativo” ou “não mostra no texto o que é ruim”), ela acaba por concluir que se trata de um “híbrido”. De nossa parte, iluminamos o reconhecimento da singularidade da situação dos especialistas no universo do jornalismo de educação:

“A gente aprende um único tipo de jornalismo na faculdade: (...) a coisa do contraditório, de você ouvir os dois lados, de você ter coisas positivas e nega-

tivas. (...) Isso a gente não faz aqui. Quando eu entrei na publicação, eu achava que não tinha nem que ter jornalista aqui, as coisas deviam ser feitas por um pedagogo e ter um editor que melhorasse o que eles escreviam. Hoje, eu acho que é fundamental: o trabalho que a gente faz ninguém mais conseguiria fazer. Muita gente [fontes] fala: ‘cara, como que você transformou o que eu falei em um texto que todo mundo vai entender?’ (...) Mas eu fico pensando se é jornalismo mesmo o que a gente faz. Acho que, na verdade, é uma coisa híbrida. A gente faz apuração, a gente procura caso, a gente entrevista as pessoas, (...) mas tem uma coisa de produzir um material de formação (...) Não é fácil para quem chega aqui vindo de outros lugares, de um jornalismo mais tradicional, e deparar com isso: ‘ó, com essa fonte você não pode falar’, ou ‘não dá um caso negativo’ ou ‘não mostra no texto o que é ruim’.” (Clarissa, jornalista especialista)

Tal influência socializadora pode estar, ainda, por trás de outro traço da identidade dos especialistas: a cobertura mais militante e a adesão a causas da educação (defesa da educação pública, de cotas, de maiores investimentos na área etc.). Essa manifestação, já captada pelas opiniões sobre educação no *survey* – os especialistas foram os que mais se aproximaram das lógicas de proteção/estado nas opiniões sobre educação, das concepções renovadoras-construtivistas de ensino e da não responsabilização do aluno pelas dificuldades no aprendizado –, voltou a ser vocalizada na fase de entrevistas.

De todo modo, concordando com Duval (2000) e Marchetti (2005), evidencia-se que os especialistas se colocam numa relação de submissão com o espaço social coberto, funcionando muitas vezes como porta-vozes do campo. Inseridos numa cobertura voltada para um público específico (de professores), possuem uma dupla missão: não se descredibilizar perante uma audiência especializada – o que inclui, muitas vezes, suas fontes – e dar mostras, como todo jornalista, da posse das habilidades inerentes à profissão (Marchetti, 2005).

#### **4. Considerações finais**

Em cada um dos grupos, a evidência de retóricas distintas acerca do jornalismo, do jornalismo de educação e da educação se soma às diferenças macrosociológicas (média etária, tempo médio na profissão e no jornalismo de educação, tipo de contrato e faixa salarial, satisfação com a profissão e o jornalismo de educação e taxas de *turnover*) observadas entre os grupos em outras fases da pesquisa (Ratier, 2016a; b). Enten-

dendo o universo do jornalismo de educação como um campo, a correspondência faz pensar, à moda bourdiesiana, na homologia entre posição (lugar do profissional no campo) e disposição (os modos de ser, agir e pensar que compõem seu *habitus* profissional) (Bourdieu, 2002). É possível cogitar, dessa maneira, que as retóricas profissionais sofram forte influência das vivências sociais e individuais dos jornalistas, sendo relevante, em cada um dos grupos o peso de uma trajetória relativamente homogênea entre seus membros.

É curioso notar que os jornalistas mais conhecedores de educação – os especialistas – não ocupem as posições dominantes no campo do jornalismo de educação. Ao contrário, pode-se mesmo dizer que se situam no polo dominado, considerados os dados de precarização, necessidade de renda extra e de *turnover*. Tais profissionais parecem realizar um sobreinvestimento no capital educacional para compensar o déficit no capital jornalístico (o fato de atuarem em publicações de nicho). Tal esforço não é passível de reconversão no interior do campo. Mostra-se, porém, útil no ingresso posterior do próprio campo da educação. Tem sido cada vez mais comum a ida de jornalistas desse subgrupo para ONGs, fundações e institutos ou organismos governamentais da área.

Enquanto campo, o espaço social do jornalismo de educação se apresenta, assim, como inquietante objeto de análise, por não se hierarquizar, fundamentalmente, em torno do grau de especialização. Para além da teorização sociológica, é possível apontar consequências sociais importantes. Justamente os profissionais com maior conhecimento sobre sua área de cobertura encontram, em serviço, as condições mais hostis. Acabam por abandonar a especialidade, acarretando uma “fuga de cérebros” num ramo do jornalismo já historicamente fragilizado.

## Referências

- ACCARDO, A. **Engagements – Chroniques et Autres Textes (2000-2010)**. Marseille: Agone, 2010.
- ACCARDO, A. et al. **Journalistes Précaires, Journalistes au Quotidien**. Marseille: Agone, 2007.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DUVAL, J. Concessions et conversions à l'économie. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 131, n. 1, p. 56-75, 2000. ISSN 0335-5322.

GENTIL, M. S. **Revistas da área da educação e professores – interlocuções**. 2006. (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GRÉMY, J.-P.; LE MOAN, M.-J. Analyse de la démarche de construction de typologies dans les sciences sociales. **Informatique et sciences humaines**, v. 35, 1977.

MARCHETTI, D. Subfields of specialized journalism. In: (Ed.). **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005. p.64-82.

NEVEU, E. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

PADIOLEAU, J.-G. Systèmes d'interaction et rhétoriques journalistiques. **Sociologie du travail**, v. 18, n. 3, p. 256-282, 1976.

RATIER, R. P. **Jornalismo e jornalistas de educação no Brasil: um olhar multifocal sobre história, estrutura, agentes e sentidos**. 2016a. 223 (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Jornalistas de educação: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?** In: 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2016b, Palhoça.